



SEÇÃO: LITERATURA

Coimbra das Canções. Maldita e aporrihada: Gonçalves Dias em Coimbra

Coimbra of the Songs. Damned and Annoyed: Gonçalves Dias in Coimbra

Weberson Fernandes
Grizoste¹

orcid.org/0000-0003-3509-6885
wgrizoste@uea.edu.br

Recebido em: 6 ago. 2021.

Aprovado em: 14 jul. 2022.

Publicado em: 27 fev. 2023.

Resumo: Este ensaio analisa a vida de Gonçalves Dias durante o período em que esteve em Coimbra através de um viés literário extraído a partir de sua própria poesia e, majoritariamente, de sua epístola íntima, seguido da crítica biográfica. Apresentamos um ensaio biográfico demonstrando, especificamente, a forma como o poeta sentiu e viveu Coimbra. Declara ter sido triste a vida que teve nas margens do Mondego, mas mais triste, considerou que, seria viver e morrer sem um nome. A cidade *alma-mater* a quem chamou, numa correspondência ao melhor amigo, de maldita e aporrihada pela poesia, venceu. Tão aporrihada que nos deu a "Canção do Exílio" – uma das maiores expressões de nacionalidade do romantismo brasileiro.

Palavras-chave: Coimbra; Gonçalves Dias; exílio; poesia; correspondência.

Abstract: This essay analyzes the life of Gonçalves Dias during the period that he was living in Coimbra, through a literary perspective extracted from his own poetry and, mostly, his intimate epistle, followed by biographical criticism. We present a biographic essay demonstrating, specifically, about the way the poet felt and lived Coimbra. Declares that the life he had on the banks of the Mondego was sad, but sadder, he considered, would be to live and die without one name. The city, alma-mater, whom he called, in a correspondence to his best friend, damned and annoyed by poetry, won. So annoyed that he gave us the "Song of Exile" – the greatest expression of nationality in Brazilian romanticism.

Keywords: Coimbra; Gonçalves Dias; exile; poetry; correspondence.

Introdução

*"Também vaguei, Cantor, por clima estranho,
Vi novos vales, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim luzindo;
E eu só! e eu triste!
Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, – e o Doiro e o Tejo
Do misero proscrito repetiram
Sentidos carmes.
Repetiu-mos o plácido Mondego;
Talvez em mais de um peito se gravaram,
Em mais de uns meigos lábios murmurados,
Talvez soaram".
(Gonçalves Dias)*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

É bom saber alguma coisa dos costumes dos diversos povos, a fim de julgar mais corretamente os nossos, e para que não pensemos que tudo o que é contra as nossas modas é ridículo e contra a razão, como costumam fazer os que nada viram (DESCARTES, 1997, p. 16).

¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores (CESP), Parintins, AM, Brasil.

Certamente Gonçalves Dias ainda não tinha chegado à razão afirmada por Descartes quando escrevera:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá (DIAS, 1998, p. 105).

A "Canção do Exílio" é de julho de 1843. Coimbra foi a centelha que fez a cidade de Caxias fervilhar no coração do poeta. Meses depois, no final de setembro, queixara-se a Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Coimbra era uma "terra maldita e aporrinhada – maldita de quanta poesia há no mundo – e aporrinhada quanto aporrinhações podem aporrinhar um cristão" (DIAS, 1998, p. 1038-1039; 1964, p. 20-21). Essa mesma carta dá-nos a dimensão da dificuldade nas finanças pessoais que estava a enfrentar para matricular-se, cinco dias depois, no quarto ano da faculdade de Direito. A folha de matrícula, ainda se encontra nos arquivos da Universidade de Coimbra,² contendo a assinatura do poeta, dono de uma caligrafia irrepreensível – e que veio à lume na edição *Sobre Gonçalves Dias*, cujas compilações denominei *Algumas Notícias sobre GD*. Ali dispomos a compilação das matrículas e da sua certidão de idade (GRIZOSTE, 2013a, p. 25-27). Conforme a certidão, tinha por pai, natural de Celorico de Basto, na antiga província do Minho, João Manoel Gonçalves Dias, e por mãe, natural de Caxias, Vicência Mendes Ferreira. Por avós paternos Antonio Gonçalves Dias e dona Josefina Pereira Dias; pelo lado materno Sebastião Mendes Ferreira e dona Urraca Francisca Mendes. Gonçalves Dias nascera na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, cidade de Caxias, em 10 de agosto de 1823.

Gonçalves Dias chegara em Coimbra cinco anos antes de escrever a sua *Canção do Exílio*, especificamente em outubro de 1838. Ai, entrara

para o Colégio das Artes, do professor Luís Inácio Ferreira, onde estudara latim, filosofia, retórica e matemática elementar para enfrentar os exames preparatórios (COSTA, 2001, p. 24; LIMA, 1942, p. 2; SILVA, 2010a, p. 69; BANDEIRA, 1998a, p. 18; PEREIRA, 2016, p. 49). Era Coimbra, a lusa Atenas, a mãe literária do Brasil – terra onde queimara a mocidade os mais celebrados engenheiros lusitanos da língua, onde despertaram Camões, Sá de Miranda, Almeida Garrett, Antonio Feliciano de Castilho e João de Deus. Onde começou a profetizar o poeta Guerra Junqueira, onde entenebrou Antero de Quental e o estilista Eça de Queiroz.³ Coimbra, que Gonçalves descrevera nas *Memórias de Agapito* como uma cidade "bela, e majestosa, e risonha, onde os mancebos são lhanos, corteses e extremosos, onde se respira sentimentos nobres e elevados, onde a vida é tranqüila e serena, a alma ingênua e cândida, e a amizade indissolúvel e sincera" (DIAS, 1998, p. 770). Coimbra, onde "quase todas as casas têm uma perspectiva soberba" (DIAS, 1998, p. 770), embora de ar mefítico nas ruas estreitas e charcosas, ao seu redor podia-se desfrutar de uma "aragem pura, que vem da Serra da Estrela, os ares mais doces que vêm do oeste, embalsamados com perfumes das laranjeiras, e com o aroma das flores dos seus campos" (DIAS, 1998, p. 765). Coimbra, que Henriques Leal vira como um anfiteatro descendo da cumeada da cidade derramando-se pelas fraldas do monte até o rio Mondego, de um lado do Arco da Almedina, a população comercial e industriosa e do outro a turbulenta e folgazã mocidade acadêmica (LEAL, 1874, p. 18).

O gênio poético de Gonçalves Dias é, sem sombra de dúvida, herdado em Portugal. Gomes Filho (1997, p. 57) recorda-nos que dos 41 anos vividos, o poeta vivera 10 na Europa. Conforme Sousa Pinto (1931, p. 3) foram seis anos e alguns meses, dos quinze aos vinte e um, a primeira es-

² Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 2, Tabela 5, n.º 6 (folha 130).

³ ROURE, Agenor de. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sessão especial comemorativa do centenário natalício de Antonio Gonçalves Dias. Diário Oficial, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1923. In: SILVA, Manoel Nogueira da, *O Pensamento brasileiro no centenário do nascimento do poeta dos Timbiras, álbum contendo vários artigos, conferências, palestras, tópicos, etc sobre a vida e a obra literária de Gonçalves Dias*. Obviamente que a declaração de Roure é tirada de afirmação semelhante do entusiasta gonçalvino, Henriques Leal (1874, p. 19).

tadia do poeta em Portugal, dos quais a maioria em Coimbra e uma parte em Figueira da Foz. Coimbra, refrescada pelo rio Mondego, patinada pelos amores de D. Pedro e Inês de Castro, com os seus salgueirais murmurados, e com as guitarras dos estudantes sussurrando nas noites de luar, tornou-se, de fato, um lugar perigoso para uma sensibilidade inflamável como a alma de Gonçalves Dias (CORRÊA, 1948, p. 13). Aí deixou o poeta amar-se e ser amado, aí entregou-se à lira, ao alaúde e ao baluarte.

Coimbra, ao lado do Porto e Lisboa eram, e ainda são, os maiores centros urbanos de Portugal. No entanto, em Coimbra o romantismo tem o seu núcleo germinal. A agitação intelectual da velha cidade do Mondego firmava-se como uma das tradições mais nobres. A academia coimbrã, ao lado da boemia de espírito e da estupidez juvenil, sustentou no seu íntimo um potencial de rebelião, uma onda generosa de progressismo e de reivindicações intelectuais, morais e políticas (MARINHO; FERREIRA, 1989, p. 21).

Há um poema no qual descreve como sentiu-se recém-chegado em Coimbra, o "Saudades", dedicado à sua irmã Joana A. de M., citado por Lucia Miguel Pereira (2016, p. 48) e em verdade, constatamos primeiramente sugerido depois de, citado no *Pantheon Maranhense* (LEAL, 1874, p. 20). Nele o poeta fala da triste oliveira, do fúnebre cipreste, do céu nublado de inverno, dos montes cujos cumes ficam brancos pela neve, de paisagem tão diversa e distante das várzeas e palmeirais de sua terra. Foram tristes estas as primeiras impressões do poeta e não podia ser diferente para qualquer imigrante. Qualquer um que tenha ido viver no estrangeiro sabe o que se experimenta logo a seguir a euforia da mudança. Recordemos o pressuposto evidenciado no "Mal de Ausência", por Carlos André (1992, p. 40), a mudança de ambiente gera frequentes desequilíbrios emocionais. Por outro lado, Descartes (1997, p. 16-17) chama-nos a atenção, quando se gasta demasiado tempo a viajar, acaba-se estrangeiro no próprio país. Isto, num homem poeta, que chega em Coimbra ainda com 14 anos, quando a formação espiritual está germinando e em amplo

desenvolvimento, deixaria – obviamente – uma marca indelével. A vida conimbricense, da boemia de espírito e da estupidez juvenil reunida a esta condição triste de estrangeiro mostra-nos o quanto não será difícil perceber porque Gonçalves Dias, ao chegar no Maranhão, pôs-se a escrever o *Meditação*. Mas rapidamente, o poeta encontraria os limites da independência que os barões e aristocratas políticos impunham aos poetas no Brasil (GRIZOSTE, 2013b, p. 131-154).

Mas voltemos ao desafio de falar sobre Gonçalves Dias em Coimbra. Noutra ocasião, no artigo "Telemaquia Miarinense", publicado no *Guesa Errante* e republicado no *Diário de Viagem* da caravana dos poetas de *Mil poemas para Gonçalves Dias*, fizemos uma magnífica, poética e metafórica comparação com Telêmaco. Telêmaco, o jovem príncipe, não encontrou o pai pelo caminho, mas seguiu-lhe os passos. Nós, infelizmente fizemos semelhante percurso, seguimos os passos de Gonçalves Dias e a descrição dessa desilusão ainda cabe aqui:

Vivi [...] seis anos em Coimbra. Em vão procurei os passos do poeta naquela cidade. Não encontrei lá uma única placa que sinalizasse os locais em que ele teria vivido, como existe de alguns poucos poetas por lá. Fui aos Palácios Confusos e a antiga Rua do Correio; desiludido fui ao Rio de Janeiro e nem o nome Rua Gonçalves Dias ou o bar *Onde Canta o Sabiá* na antiga Rua dos Latoeiros serviu para amenizar a minha angústia com o desaparecimento dos rastros do poeta. Já quase sem esperanças cheguei em São Luís ainda acreditava que em Caxias encontraria o poeta. Foi como um encontro marcado meio às pressas mas esperado há muitos anos. Em Caxias perdi o último fio delgado de esperança. A casa onde vivera tornou-se objeto da cobiça individual provando que ele estava certo ao dizer que a nossa política é feita de coisas e não de causas. Cheguei em Guimarães apenas com o desejo de ver o mar que o engoliu, já sabia que nem Gonçalves Dias nem os seus rastros seriam encontrados lá (GRIZOSTE, 2014, p. 43).

Ao que se sabe, Gonçalves Dias deixara Caxias em 19 de maio de 1838, na companhia de Bernardo de Castro e Silva, um ferreiro de profissão, natural de Figueira da Foz. De outubro de 1838 até meados de 1839 viveu na casa do padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho (BANDEIRA, 1998a, p. 18; LIMA, 1942, p. 2; PEREIRA, 2016, p. 49; LEAL,

1874, p. 21). Viria a matricular-se no Primeiro ano da faculdade de Direito apenas em 31 de outubro de 1840, e segundo Lima (1942, p. 3) tendo apresentado a certidão de idade e certidões dos exames de catecismo, latinidade, filosofia racional e moral, retórica e geometria. Deveria ter-se matriculado em outubro de 1839, mas a Balaiada trouxe enormes prejuízos, e impossibilitado de receber a mesada de sua madrastra, dona Adelaide, obedeceu às ordens de retirar-se para Figueira da Foz até que pudesse embarcar para o Maranhão (LEAL, 1874, p. 22; PEREIRA, 2016, p. 50; BANDEIRA, 1998a, p. 18-19; COSTA, 2001, p. 25). Consternados com a desgraça do poeta, os primeiros amigos de Gonçalves Dias socorrem-no, cotizaram-se e disseram que convinha morar com eles no Colégio dos Loios, e foram eles: João Duarte Lisboa Serra, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa e José Hermenegildo Xavier de Morais (COSTA, 2001, p. 24-25; PEREIRA, 2016, p. 50-51; LEAL, 1874, p. 22-24; BANDEIRA, 1998a, p. 19; LIMA, 1942, p. 2-3).

Instada por correspondência a enviar 108 mil réis pelas despesas desde julho de 1838 até março de 1840 e mais 200 réis anuais durante o curso, dona Adelaide negou. Os tempos da Balaiada trouxeram enormes prejuízos à madrastra e ao poeta. Em maio de 1840 apresentou-se aos exames preparatórios. Em 31 de outubro matriculou-se, afinal, na universidade. Ainda, em outubro vivia no casarão do Colégio dos Loios na companhia de Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira Valle. Depois passou a viver com José Francisco Carneiro Junqueira, em Palácios Confusos n.º 108, mas como este retirara-se, um mês depois para o Maranhão, voltou à companhia anterior, mas dessa vez tinham ido viver na rua do Correio, n.º 53, onde possuíam por companheiros outros dois maranhenses: Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes (BANDEIRA, 1998a, p. 19; COSTA, 2001, p. 25; LIMA, 1942, p. 2-3; LEAL, 1874, p. 24; PEREIRA, 2016, p. 55). Dessa convivência extrairia o que ele chamou de "meus amigos de Coimbra", cuja dívida contraída jurou, para nossa sorte, pagar com uma vida literária. Esse ciclo de amigos contraídos em Coimbra veio a tornar-se, depois,

uma malta bem colocada no Brasil. Entre todos destacaremos, sem demérito dos outros, mas por subjetividade do poeta, o melhor amigo, Teófilo.

Teófilo foi aluno brilhante, depois agricultor, político, jornalista, inspetor da Instrução Pública e do Tesouro Provincial do Maranhão, dono de um nobre coração – assim mesmo testemunhara o poeta no prólogo dos *Últimos Cantos*. Lucia Pereira (2016, p. 57), depois, recorda que ele dera à sua usina o nome de Lincoln, em uma evidente manifestação antiescravagista. Teófilo, assume, na investigação sobre a vida coimbrã de Gonçalves Dias, espaço de extrema relevância. Foi amigo e confidente por toda a vida, ainda que tenha sido parcialmente substituído por Capanema nos últimos anos de vida do poeta.

Nas férias do primeiro ano de faculdade, na companhia de Teófilo, tendo recebido alguma quantia de dinheiro, Gonçalves Dias fora para Lisboa. Na Figueira da Foz encontraram um amigo instado a voltar a Coimbra por falta de dinheiro, apesar de bem pouca sorte, Gonçalves Dias e o supostamente afortunado Teófilo não o permitiram e dividiram entre si a despesa, indo os três juntos a Lisboa. Em outubro voltaram todos para Coimbra.

Tendo recebido, logo na chegada, uma remessa de dinheiro, quis pagar a dívida aos amigos. Não aceitaram recebê-la e o poeta usou o dinheiro para comprar a sua primeira biblioteca. Nesse segundo ano do curso foi morar na rua do Cosme, n.º 5, com todos os seus companheiros, menos João Duarte Lisboa Serra e José Joaquim Ferreira Vale, que tinham voltado ao Brasil, e mais os seus patricios Antônio Rego e Francisco Leandro Mendes (LIMA, 1942, p. 7; PEREIRA, 2016, p. 61; LEAL, 1874, p. 33). Tendo recebido, novamente, nas férias, algum dinheiro e querendo entregar-se ao sossego dos estudos, passou, no terceiro ano, com outro colega a viver, desde 7 de outubro, na rua do Salvador n.º 170, defronte a casa dos mesmos amigos (LIMA, 1942, p. 7; LEAL, 1874, p. 34; PEREIRA, 2016, p. 61). Atesta Henriques Leal que nessa temporada de 1842-1843 foi quando mais produziu – é dessa época a *Canção do Exílio*.

Em 1843, segundo Pereira (2016, p. 72) Teófilo,

então em Lisboa e já formado em matemática, resolveu embarcar para o Brasil. Faltava recursos para Gonçalves Dias ir despedir-se do amigo em Lisboa e por isso penhorou a sua biblioteca. Foram as suas últimas férias de estudante.

Em 1844 chegou ao termo do seu curso de bacharel e ficou marcado por um incidente da campanha em que se envolveu com alguns colegas, contra o catedrático de direito civil, o padre Lins Teixeira (BANDEIRA, 1998a, p. 21). Foi um episódio à parte. Para Sousa Pinto (1931, p. 15), Gonçalves Dias foi muito considerado no meio coimbrão. Sabe-se, por ele, que pela época de São João – 28 de junho, formatura do poeta – na Quinta das Varandas, houve uma Festa de poetas, da qual João Lemos deixou notícia, em que dizia o poeta da “Lua de Londres” que naquela agradável festança não se via Antônio Gonçalves Dias, que uma repentina enfermidade o havia prendido ao leito, cujo nome ali saudosamente repetido era a violenta mágoa que entristecia as rosas festivas. Entretanto, Sousa Pinto desconfia que doença repentina do poeta não fora “de cuidado, porque quatro dias depois fazia acto” (PINTO, 1931, p. 15).

Nas férias de 1844 achava-se em Lisboa quando descobriu que a sua irmã, por parte de pai, fora seduzida por um primo. Sentiu-se na obrigação de protegê-la. Foi à província dos parentes, exigiu e conseguiu a reparação devida do primo. Mas o negócio custou demasiado caro, no regresso para Coimbra descobriu que o prazo de matrícula já havia passado. Não podia dar-se ao luxo de ficar um ano inteiro à custa alheia e sem fazer nada (LEAL, 1874, p. 42-43; BANDEIRA, 1998a, p. 21). Todos os colegas tinham partido, exceto Morais que o acompanhara na viagem a Gerez e Pitões. Empregou esses últimos dias no tratamento do reumatismo nas recomendadas águas do Gerez e Pitões, na visita dessa parte de Portugal e de Espanha. Em Pitões ainda compôs algumas poesias, donde muitos atribuem ter iniciado o seu indianismo (LEAL, 1874, p. 42; PINTO, 1931, p. 16; BANDEIRA, 1964, p. 26-27). De fato, está datado em Pitões, as primeiras poesias indianistas: “O Índio” e outras duas desconhecidas na modernidade que foram inutilizadas pelo poeta, a saber

“Coral e Jacaré” (LEAL, 1874, p. 39; BANDEIRA, 1998a, p. 21).

Assim conheceu o Minho, Trás-os-Montes e a Galícia, visitando provavelmente a terra do pai, Celorico de Basto. Em janeiro de 1845 foi para o Porto, sem dinheiro, à espera do brigue Castro II, onde embarcou em fevereiro com passagem a ser paga no destino, em São Luís (PEREIRA, 2016, p. 72-73; COSTA, 2001, p. 28; LIMA, 1942, p. 9-10; LEAL, 1870, p. 45).

Mas que outras vidas, além de estudante, o poeta teve em Coimbra? Quais mulheres, com fama de namoradiço, o poeta encontrou? Como de fato aflorou a sua poesia? Apesar de Henriques Leal elencar diversas obras produzidas no regaço de Coimbra, na temporada de 1842-1844, Lucia Pereira (2016, p. 73) concluiu que só se salvaram dois poemas dessa temporada: “A Escrava” e a *Canção do Exílio*. Não temos dúvida quanto a *Canção do Exílio*, é a maior entre todas as poesias escritas em todos os tempos por qualquer bardo brasileiro e quiçá em igual par com o *Soneto do Amor*, de Camões. Claro que é difícil precisar a grandeza de uma poesia ou de um poeta; e a poesia de língua portuguesa está cheia de grandes vultos literários – mas o fato é que a *Canção do Exílio* surgiu como grito certo, em momento certo. Momento em que o Brasil carecia dessa grandeza poética. Ainda que Lucia Pereira esteja certa quanto ao que se salva das produções em Portugal, é mister que foi Coimbra, essa terra *maldita e aporinhada*, quem transformou o poeta naquilo que ele se tornou – e conforme ele próprio reconhecera.

A *Canção do Exílio*, segundo Frota (1978, p. 25) dera perenidade ao poeta; para Ackermann (1964, p. 45) é a expressão artística da ideia da saudade perfeitamente conseguida. Entre os anos de 1842 e 1843 escrevera dois romances: *Memórias de Agapito Goiaba* e outro, de título desconhecido, à imitação de Joseph Delorme – e um longo poema, todos destruídos pelo poeta; e dois dramas: *Patkul* e *Beatriz Cenci* (BANDEIRA, 1998a, p. 21; COSTA, 2001, p. 27-28; LIMA, 1942, p. 7). Esse manuscrito de *Agapito Goiaba* chegou a ter três grossos volumes que o poeta queimou,

na Europa, em 1854. Henriques Leal (1874, p. 34) lera-o em 1846 e soubera da sua destruição em 1861. Também na rua do Correio pôs-se a estudar alemão e a ler poetas na sua língua mãe – mais tarde traduziria *A Noiva de Messina*, de Schiller.

Vê-se que a poesia surgiu precocemente em Gonçalves Dias. Enquanto esteve na Figueira da Foz, antes de matricular-se na universidade, dedicou-se a recordar materiais de humanidades e a ensaiar o estro, tendo por modelos os poetas latinos. Imitava as formas, às vezes, copiava-os, mas somente a um grupo seletivo de amigos mostrava seus versos de infância e as suas traduções de Horácio (LEAL, 1874, p. 28-29).

Na primavera de 1841 chega a Portugal a notícia da aclamação de D. Pedro II, novo imperador do Brasil, pelo mês de maio. Por iniciativa dos estudantes brasileiros erradicados em Coimbra, aparecem enastrados alguns saveiros nas águas do Mondego, com a bandeira do Brasil no mastro. Depois, na Lapa dos Esteios, realiza-se um banquete. Ao som do Hino brasileiro, Gonçalves Dias recitou a poesia que havia escrito para celebrar a aclamação do Imperador. Conta-nos Henriques Leal que, todo envergonhado e de olhos baixos, recitou o poeta a arrebatada poesia. Surpreso e maravilhado o auditório rompeu em fervorosos aplausos (BANDEIRA, 1998a, p. 20; MONTELO, 1973, p. 13).⁴

Uma moça chamada Engrácia inspirou-lhe os únicos versos publicados em Portugal ainda durante a sua vida de estudante. Fê-lo a publicação de *Inocência* no *Trovador*, jornal de João de Lemos. O poema revela uma paixão ardente, violenta, imensa a requeimar-lhe o sangue com o fogo sagrado. "Amei! e o meu amor foi vida insana!" (DIAS, 1998, p. 198), diz-nos nas "Quadras de minha vida". Apesar da dedicação, ternura,

extremos, não passou de amores fugazes, como se revelará em *Saudades*, poema de sua irmã, "Sim amei, fosse embora um só momento!" (DIAS, 1998, p. 500). Próprio da vida de estudante coimbrã. Tanto como se revelou, mais tarde, em um fado popular de João Carlos Gomes, na voz de Zeca Afonso, "dizem que amor de estudante / ai, não dura mais que uma hora" (GOMES, 1960). Em toda sua vida, o namorado Gonçalves Dias podia gabar-se ter sido um "audaz conquistador das raparigas", termos celebrados no *Fado do Vasquinho* (GALHARDO, 1933), e esses fatos foram revelados em muitas de suas cartas. Gonçalves Dias viveu Coimbra com toda a sua intensidade, marcou-a e saiu marcado dela para sempre. Em uma carta a Teófilo, de 24 de janeiro de 1844 (LEAL, 1874, p. 37-38; PEREIRA, 2016, p. 64-65; MARINHO; FERREIRA, 1989, p. 22; BANDEIRA, 1998a, p. 20, 1964, p. 17; COSTA, 2001, p. 25, 27; SILVA, 2010a, p. 69) encontraremos palavras bem próximas daquelas as quais saíram oito anos depois, já no Brasil. Engrácia parece ter sido uma triste prefiguração, uma preparação para o caminho de Ana Amélia.

Teófilo – tu não sabes o que é amar sem ter esperanças: dizemos em nós – um dia farei murchar a fé daquele coração tão virgem – farei secar as rosas daquele rosto e a fonte daquela ventura tão fiada no amor e no futuro. Irei eu por este mundo, e ela cá fica com o seu amor, que eu levo – desgraçados, porque nos conhecemos! Como ela me ama, pobre moça! Eu não choro por mim; sou homem, dispenso grandezas e quando sofro sou desmentido por minhas palavras que nunca denotam sofrimento. Mas ela!? Eu queria sempre vê-la feliz, sem pesares, sem dores, sem lágrimas, sempre cheia de contentamento (DIAS, 1964, p. 29).

Belas palavras não passassem de um de seus amores fugazes e nisso o poeta foi um perito. Acostumava Gonçalves Dias passar férias de

⁴ Essa poesia aparece logo depois, em um folheto de 22 páginas, do dia 3 de maio de 1841 em Coimbra (Coimbra, Imprensa de Trovã & Cia., 1841). Foi a primeira publicação de Gonçalves Dias, ao contrário do que afirmou Sacramento Blake, *Inocência* não foi a primeira publicação de Gonçalves, nem sequer a primeira por ele escrito, que só saiu no n.º 1 do jornal *Trovador* em 1843, portanto 2 anos depois do poema ao Imperador. Conforme afirma Manuel Nogueira. Silva (1942, p. 15). O poema figura em poucas edições, é representado na *Bibliografia de Gonçalves Dias*, onde o mesmo justifica em virtude da raridade do folheto pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nunca ter sido representado em nenhuma das edições de poesia do poeta. (SILVA, 1942, p. 16-17). Esses fatos correspondem as mesmas afirmações de Sousa Pinto, autor que também representa o poema. Pinto (1931, p. 8-9). Entretanto, a ausência de um título comum fez com que cada um dos autores optasse por uma espécie de título da forma que melhor julgaram. *Entusiasmo Ardente* por Houaiss (1959), Alexei Bueno (1998); *O dia 3 de maio de 1841* por Silva (1942); "Pelo Sr. Antonio Gonçalves Dias, Estudante de Direito: natural do Maranhão" por Pinto (1931). Excerto citado também por: COSTA, 2001, p. 26 apud LIMA, 1942, p. 4-5. Comentado primeiramente por LEAL, 1874, p. 29.

Natal e Páscoa e às vezes aos domingos, com companheiros, em Formoselha – nos arredores de Coimbra. Pelas indicações de Henriques Leal, pela interpretação de Lucia Pereira, a paixão por Engrácia aconteceu no mesmo período em que rendia culto a uma formosa deidade de Formoselha (LEAL, 1874, p. 38; PEREIRA, 2016, p. 65-66). Também alude Leal que um dos capítulos conservados das *Memórias de Agapito Goiaba* refere-se a estes fugazes amores. No fragmento referido deixa escapar: “Mas casar-me! Não o posso”. Considerava-se perdido no mar da vida, longe do seu destino. Contudo, pouco tempo antes, nas primeiras férias em Lisboa, apaixonara-se e quisera casar-se com a filha da dona da pensão, da Hospedaria Nacional. Não fizera por sorte e oposição de Teófilo (PINTO, 1931, p. 14; PEREIRA, 2016, p. 60; CORRÊA, 1948, p. 14; BANDEIRA, 1964, p. 20-21; COSTA, 2001, p. 26-27; LIMA, 1942, p. 9).

Mas ainda há mais que supor, nem tudo foi-nos revelado senão o que quisera dizer Henriques Leal e o próprio Gonçalves Dias em suas cartas. Já no Brasil, o poeta recorda-se de uma tal Velha Inácia, “nossa servente de Coimbra” (DIAS, 1998, p. 1062) escrevendo a Teófilo. Na mesma carta o poeta dizia da importância de amar grosseiramente e platonicamente e não doudejar por nenhuma; fala depois de sua nova paixão, uma judia, bela rapariga de olhos rasgados,

de pálpebras longas – acetinadas – transparentes que se alevantam vagarosamente como o pano de boca do Teatro do Maranhão, um colo de neve (cousa trivial em poesia), um pescoço torneado, com veios azul, um pescoço flexível – comprido – um pouco arqueado, que sustenta *as obras que amor mata de amores* – um rosto!... Um garbo!... uma esbelteza de palmeira (comparação que só se pode aplicar bem à Velha Inácia, a nossa servente de Coimbra) (DIAS, 1998, p. 1061-1062, grifo do autor).

Quem terá sido essa Velha Inácia? A carta diz muito pouco e não o saberemos nunca. Foi alguma tricana de Coimbra, uma dessas figuras emblemáticas desde os finais do século XIX? Que coisa poderemos supor? Inácia comparada à palmeira esbelta é qualquer coisa suntuosa nas palavras de poeta cuja estátua jaz, em São Luís do Maranhão, no cume de uma palmeira há

século e meio. Ninguém teve, nem cedo terá, mais propriedade poética sobre a palmeira do que o criador da *Canção do Exílio*. Seja como for, Inácia, assim como a judia, também foi um garbo, uma esbelteza de palmeira. Não é a primeira vez que alguém traça alguma suposição de alguma tricana na vida de Gonçalves Dias. Citando o prefácio de *Patkull*, onde o poeta desejava fazer uma *Iliada* de amor puríssimo, Sousa Pinto (1931, p. 15) duvida que esse amor todo fosse reservado a uma tricana, por serem incapaz de ler romances como esse, já que o poeta dissera

[...] possas tu, em lendo esta minha obra para o futuro, quando a minha voz não responder a tua voz, por me ter eu partido para longes terras – encontrar nela alguma coisa que te diga que eu te amava como Patkull à Romhor, e que o meu amor, como o dele, só acabará com a minha vida (DIAS, 1998, p. 782).

Da nossa parte, não temos muitas dúvidas de que essa *deusa* fosse Engrácia, a julgar pela carta a Teófilo e anteriormente citada – cujo poeta revela “irei eu por este mundo” (DIAS, 1964, p. 29).

A hora da partida finalmente chegou. A hora de saber se realmente, como diria, mais tarde, o celebrado fado de Fernando Machado Soares, “Coimbra tem mais encanto / na hora da despedida” (SOUSA *et al.*, 2009). Enfim a hora de levar guardado “recordações do passado / o bater da velha cabra” (SOARES, 2009) como diz a belíssima e sublime *Balada da Despedida do 5º ano Jurídico de Coimbra 88/89* e que tivemos o triste privilégio de ouvir na serenata da Queima das Fitas de 2013 “ermo e num longo carpido” como juramos fazer no poema “A última serenata” (GRIZOSTE, 2013c, p. 67). De fato, não demorou muito e aquele encanto de 1843, aquela saudade de uma terra cujo céu tinha mais estrelas, cujas várzeas tinham mais flores esmoreceram diante da realidade caxiense. Para João D’Albaim declararia Gonçalves Dias que, os mais alegres anos da sua juventude foram em Portugal, lá onde deixara muitos amigos, e que pesava no coração de os ter deixado para sempre; e não sem saudades dos sítios que viu, das pessoas que amou e da terra que lhe foi como uma segunda pátria (DIAS, 1998, p. 1068).

Se Portugal era a sua segunda pátria certamente, até então, Coimbra a sua segunda cidade. Mas e quanto a sua primeira cidade, quanto a Caxias? Voltando de Coimbra, o poeta encontrou uma Caxias sufocante, onde seus hábitos coimbrãos eram tidos como inusitados e escandalosos. Assim Frota (1978, p. 26) enumera: estatura abaixo da média, fronte alta, olhos pequenos e brilhantes, o poeta andava pelas calçadas desnudado pela inusitada curiosidade pública que já o repulsava pelos seus modos desenvoltos, atentatórios aos graves e rígidos princípios do burgo. A fumaça do charuto, os goles de cerveja e a vinhaça sorvidos no balneário do Riacho da Ponte denunciavam os costumes que o poeta iria introduzir, mas que lhe eram tão naturais. Queixa-se ao amigo Teófilo solicitando para intensificar as correspondências. Em Caxias tudo era motivo de tédio: o grau de instrução, deplora a didática do catecismo, detesta os costumes formais e o nível cultural dos poetas. Talvez até tenha-se lembrado dos passeios solitários nas ruas desertas e silenciosas de Lisboa, da viração de uma noite de luar depois de um dia abafado, de contemplar parte da cidade do Cais do Sodré: "eram vozes estrangeiras; mas que importa? Meu coração as entendia, eu também era proscrito como eles e como eles também suspirava por um túmulo na terra de meus pais" (LEAL, 1874, p. 32-33).

Era primeiro de maio de 1845. Queixou-se profundamente a Teófilo o silêncio do amigo. É esta uma das mais belas cartas do poeta – que nunca fartei-me de a ler. Sentia-se, como dissera: "sozinho em terra que, apesar de ser minha, eu posso chamar estranha". Queria falar de outra vida, de uma vida estrangeira (?). Não tinha mais imaginação. Sentia saudades de Coimbra? Não! Sentia-se como se a cidade tivesse ficado a lhe dever, como se tivesse sido, por ela e não por outro, obrigado a padecer e a sofrer humilhações. É mesmo isto que diz:

Triste foi a minha vida em Coimbra – que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios – e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de amigos... Embora! O pão era alheio – era o pão da piedade – era a sorte do mendigo. Compaixão é um termo de compreensão

incompreensível – não a quero (DIAS, 1998, p. 1041; COSTA, 2001, p. 25; LIMA, 1942, p. 3).

A carta demonstra uma mágoa que encontraremos belissimamente descrita no poema "Orgulho e Avareza". É um poema profundo. Penoso. "Foi Deus que me puniu – voz repetida na penúltima estrofe – co'a fronte baixa, coberto o rosto de vergonha" (DIAS, 1998, p. 636). Dessa imensa e incurável mágoa. Da mágoa de ter-se humilhado e perdido a sua biblioteca, que nunca mais a recuperaria. Talvez Gonçalves Dias exagerasse e temos chamado a atenção para esse feito do poeta, "feitio exagerador", dissera Sousa Pinto (1931, p. 16; GRIZOSTE, 2013b, p. 122.). Esquecia-se que apesar de tantos infortúnios, grande era o privilégio que representava para um brasileiro estudar em Coimbra no século XIX. Mesmo assim, não o acharíamos contente, de Coimbra sempre haveria de queixar-se.

Henriques Leal foi, na minha concepção, o maior entusiasta de Gonçalves Dias. Leal fez uma biografia exatamente como o poeta gostaria que alguém o fizesse, carregou nas suas palavras os exatos queixumes do poeta. Eis o que nos diz sobre o momento que partia do Porto rumo ao Brasil:

Pobre e desconhecido, sem um nome de família bastante poderoso ou respeitável para o patrocinar, antes marcado desde o berço com o que é considerado um duplo stygma, odioso para uma sociedade, como a nossa, atrasada, e onde tanto imperam os preconceitos de nascimento, tinha Gonçalves Dias a alma lançada pelas previsões de um futuro sombrio, e assim engolphava-se em pensamentos que lhe atribulavam a mente e prostavam o espírito. Quantas e quantas vezes, no longo decurso d'essa viagem, estendendo a vista pelo vasto paramo das planuras oceanicas, achava no soluçar plangente das ondas e n'aquelle vagalhar incessante similhaças com a sua vida incerta e cortada pela desdita! (LEAL, 1874, p. 45-46).

Finalmente esquecera Coimbra, a *terra maldita e aporrinhada*. Deve ter sentido um alívio. Pois, naquele último ano na cidade, ainda tinha se queixado a Teófilo noutra carta cuja data real ignoramos (DIAS, 1964, p. 27-28): "Coimbra – está cada vez mais triste – e eu cada vez mais triste por estar em Coimbra – que vida". No Porto, a

5 de janeiro de 1845 celebra, "quando penso naqueles nossos tão doidos, mas amorosos projetos de Coimbra (que também eu já não sou de Coimbra)" (DIAS, 1964, p. 35). O que se segue na mesma carta é semelhante ao que vimos falar Henriques Leal,

[...] quando penso no que podíamos ser de grandes para o futuro; e digo – no que somos hoje de pouco, – he no que seremos de menos para o futuro – dá-me vontade de chorar, e de chorar sempre – até que entre soluços se quebrasse a minha alma do meu corpo (DIAS, 1964, p. 35).

Depois disso, Gonçalves Dias, enterrou Coimbra para sempre.

A última vez que veremos falar da cidade será na carta de 11 de setembro de 1847 a Teófilo (DIAS, 1964, p. 91). E por quê? Nunca o saberemos. Sabemos que em 10 de julho de 1854 aportara em Lisboa, que entre os anos de 1854 e 1855 passou a vida entre Lisboa e Paris. Nos finais de 1855 foi à Bélgica e à Alemanha. Em março de 1856 partiu para Espanha, em maio estava de volta em Lisboa, fez uma viagem rápida a Londres, em julho foi para Évora onde passou dois meses. Andou depois em Paris, Bruxelas, Colônia, Leipzig, Berlim, Dresde, Munique. Foi ainda a Viena, a Roma e no final de 1857 estava em Paris. Apesar desse grande percurso, não sabemos se terá voltado a Coimbra, mas a julgar por seus escritos, não, nunca mais o fez! Coimbra era *terra maldita e aporinhada* e em 1855 a poesia já tinha morrido em Gonçalves Dias, não tinha mais motivos para voltar a Coimbra. Lucia Pereira (2016, p. 214) chama-nos a atenção a estranha publicação de 1857 cujos *Cantos* tinha só 16 poemas novos. Deixara de ser poeta aos 30 anos, tornara-se etnógrafo e historiador.

Este não retorno teria sido ingratidão para com a cidade? Talvez não, se pensarmos que o poeta teve uma vida bastante movimentada e mais ainda se vemos que, aparentemente, Caxias também nunca mais foi visitada desde que de lá saiu, em 14 de junho de 1846. Quero pensar, nunca mais voltou a Coimbra pela dificuldade da época e por falta de ocasião propícia. Seja como

for, a *Coimbra das Canções*, celebrada na letra de Raul Ferrão, ficou como uma marca indelével na vida e na poética gonçalvina, por ser "maldita e aporinhada – maldita de quanta poesia que há no mundo – e aporinhada quanto aporinhações podem aporrinhar um cristão" (DIAS, 1998, p. 1038-1039; DIAS 1964, p. 20-21).

Referências

ACKERMANN, Fritz. *A obra poética de António Gonçalves Dias*. Tradução de Egon Schaden. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

AMOR de estudante. Balada de outono. Intérprete José Afonso. Compositor: João Carlos Gomes *in*. BALADA do Outono. Coimbra: Discos Rapsódia, 1960. 1 disco.

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra: Minerva, 1992.

BALADA da despedida do 5º ano Jurídico de Coimbra de 1989. Intérprete: Quinteto de Coimbra. Compositor: Fernando Machado Soares. *In*: À CAPELA. Coimbra: Casa de Fado, 2009. 1 CD.

BALADA da despedida do 6º ano médico de 1958. Intérprete: Quinteto de Coimbra. Compositor: J. P. Sousa, Rui Lucas, A. Vicente. *In*: À CAPELA. Coimbra: Casa de Fado, 2009. 1 CD.

BANDEIRA, Manuel. A vida e a obra do poeta. *In*: BUENO, Alexei (org.). *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998a. p. 13-56.

BANDEIRA, Manuel. A poética de Gonçalves Dias. *In*: BUENO, Alexei (org.). *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998b. p. 57-70.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. São Paulo: Editora das Américas, 1962.

BUENO, Alexei (org.). *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

CORRÊA, Viriato. A vida amorosa de Gonçalves Dias. *In*: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: A Academia, 1948. p. 7-51.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. *Gonçalves Dias: A vida dos grandes brasileiros 16*. São Paulo: Editora Três, 2001.

DESCARTES, René. *O discurso do método*. Tradução de António Monteiro e Luís Martins. Lisboa: Editora Replicação, 1997.

DIAS, Gonçalves. Correspondência ativa de A. G. Dias. *In*: BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Div. de Publicação e divulgação, 1964. n. 84.

FADO do Vasquinho. Intérprete: Vasco Santana. Compositor: José Galhardo. *In*: A CANÇÃO de Lisboa José Telmo [diretor]. Lisboa: Tobis Portuguesa, 1933.

FROTA, Francisco Marinalva Mont'Alverne. *Entre o Timbira e o pastor serrano*. São Luís: Sioge, 1978.

GOMES FILHO, Elísio. *Morte no mar*. Cabo Frio: Museu Histórico e Marítimo, 1997.

GRIZOSTE, Weberson. Telemaquia Miarinense. In: ADLER, Dilercy, VAZ, Leopoldo (org.). *Mil poemas para Gonçalves Dias*: Diário de Viagem. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014. p. 42-49.

GRIZOSTE, Weberson. Algumas notícias sobre GD. In: ADLER, Dilercy; VAZ, Leopoldo (org.). *Sobre Gonçalves Dias*. São Luís: Edufma, 2013a. p. 25-27.

GRIZOSTE, Weberson. *Os Timbiras*: os paradoxos antiépicos da *Iliada* Brasileira. 2013. Tese (Doutorado em Poética e Hermenêutica) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013b.

GRIZOSTE, Weberson. *Jaracatiá*. São Paulo: Ixtlan, 2013c.

LEAL, Antonio Henriques (org.). *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias*. São Luís: B. de Matos, 1868. 6 v.

LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon Maranhense*: Ensaios bibliográficos dos maranhenses illustres já falecidos. Lisboa: INCM, 1874. t. 3.

LIMA, Henrique de Campos Ferreira. *Gonçalves Dias em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1942.

MARINHO, Maria José; FERREIRA, Alberto. *A questão Coimbrã* (Bom senso e bom gosto). Lisboa: Editorial Comunicação, 1989.

MONTELLLO, Josué. *Para conhecer melhor Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias* (contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro). Brasília: Edições do Senado Federal, 2016.

PINTO, Manuel de Sousa. *Gonçalves Dias em Coimbra*. Coimbra: Coimbra Ed., 1931.

ROURE, Agenor de. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sessão especial comemorativa do centenário natalício de Antonio Gonçalves Dias. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1923. In: SILVA, Manoel Nogueira da (org.). *O Pensamento brasileiro no centenário do nascimento do poeta dos Timbiras, álbum contendo vários artigos, conferências, palestras, tópicos, etc sobre a vida e a obra literária de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [19--].

SILVA, Inocência Francisco. Apontamentos para a vida e trágica morte do insigne poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa do século XIX*. Lisboa, Porto Alegre: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, PUC, 2010. p. 67-79.

SILVA, Manoel Nogueira da (org.). *O Pensamento brasileiro no centenário do nascimento do poeta dos Timbiras, álbum contendo vários artigos, conferências, palestras, tópicos, etc sobre a vida e a obra literária de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [19--]. (l-06.12.002).

SILVA, Manoel Nogueira da. *Bibliografia de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

Weberson Fernandes Grizoste

Doutor em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra (UC), em Coimbra, Portugal; pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor adjunto de Latim e Estudos Clássicos do Centro de estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Parintins, AM, Brasil.

Endereço para correspondência

Weberson Grizoste

Universidade do Estado do Amazonas
(Colegiado de Letras)

Estrada Odovaldo Novo, 4768

Djard Vieira, 69152-510

Parintins, AM, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.